A CRIANÇA E SEU ESPAÇO: UMA LEITURA SOBRE ARQUITETURA ESCOLAR E OS IDEAIS PEDAGÓGICOS

Tammy Yoshisato, Arlete Maria Francisco

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" – FCT/UNESP. Curso de Arquitetura e Urbanismo, Presidente Prudente – SP. E-mail: tammy_yoshisato@yahoo.com.br

RESUMO

O primeiro contato que a criança tem com o mundo externo é através da escola, pois é, no ambiente escolar, que são criadas as primeiras relações sociais e adquiridos os primeiros conhecimentos científicos. E não é somente a proposta pedagógica que irá proporcionar, à criança, o aprendizado, o espaço onde ela está inserida também tem uma grande influência, possibilitando novas experiências. Este trabalho objetiva estudar a relação entre ideais políticos e pedagógicos e as tipologias arquitetônicas escolares, desde a República aos dias atuais. A metodologia parte da pesquisa histórica sobre os ideais educacionais, a partir da bibliografia disponível, e faz uma leitura das plantas dos edifícios escolares, por meio da leitura gráfica. Conclui-se que o espaço escolar evoluiu desde o século XIX, porém, a atenção com a ludicidade do espaço voltado para a criança ainda não alcançou uma solução que incremente a qualidade do ensino nas escolas públicas do Brasil.

Palavras-chave: Arquitetura Escolar, História da Educação Brasileira, Espaço Lúdico, Criança, Aprendizado.

THE CHILD AND HIS SPACE: A READING ABOUT ARCHITECTURE SCHOOL AND THE EDUCATIONAL IDEALS

ABSTRACT

The first contact the child has with the outside world it is through the school because it is in the school ambience, that are created the first social relationships and acquired the first scientific knowledge. And it is not only the pedagogical proposal that will provide for the child the learning, but the space where he is inserted also has a great influence, enabling new experiences. This work aims to study the relationship between political and pedagogical ideals and school architectural typologies, from the Republic to the present day. The methodology starts of the research about educational ideals, from the available literature, and takes a reading of the plants of school buildings by graphic reading. It is concluded that the school space has evolved since the nineteenth century, however, the attention with the playfulness of space facing for child has not reached a solution that increases a quality of education in public schools in Brazil.

Keywords: School Architecture, History of Brazilian Education, Child Space, Child, Learning.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa desenvolvida sobre a relação entre ensino e arquitetura escolar, para a criação de um projeto arquitetônico de uma escola de ensino integral no município de Presidente Prudente. A pesquisa parte do entendimento de que o ensino está sempre ligado às políticas públicas, mas que a sua qualidade não depende apenas da área pedagógica, mas existe também uma influência do espaço nas atividades desenvolvidas pelas crianças.

Desta forma, através deste estudo, pretende-se demonstrar que a arquitetura também é uma das responsáveis por mediar o contato entre os alunos e a escola. Um local que proporcione maiores experiências às crianças, com espaços humanizados e lúdicos, permite que seus usuários apropriem livremente, como se pertencesse a ele, o que pode tanto proporcionar novos aprendizados aos seus alunos, como também despertar o interesse pelo estudo, uma vez que ainda existe um número considerável de pessoas que acabam por desistir dos estudos.

O lúdico significa invocar um sentimento de liberdade e espontaneidade no ser humano. Para a criança, o lúdico desenvolve sua criatividade através de atividades corporais e mentais, como jogos, música e dança, e tem o objetivo de educar e divertir a criança, de forma que possa interagir com o mundo ao seu redor (LIMA, 1989).

A partir do momento que a criança interage com o espaço físico, ela começa a se relacionar com o mundo, qualificando esse espaço, adicionando suas emoções, vivências e experiências. Esse espaço-ambiente, de acordo com Lima (1989), obtém dimensões poéticas, a partir da liberdade ou da opressão da criança, pois sua imaginação e seus sentimentos vão definir suas dimensões.

Este trabalho objetiva estudar a relação entre ideais políticos e pedagógicos e as tipologias arquitetônicas escolares, desde a República aos dias atuais.

METODOLOGIA

A metodologia parte da pesquisa histórica sobre a educação brasileira, estudando desde o Brasil Colônia através das escolas jesuíticas, até as escolas contemporâneas, que existem atualmente. Esta pesquisa foi feita a partir de uma bibliografia que não envolvia somente a história da educação, mas que pudesse envolver o contexto político e social da época, e, principalmente, as propostas arquitetônicas aos edifícios escolares em cada época envolvida. Também foram feitas análises das plantas dos edifícios escolares, por meio de leitura gráfica. Com isso, foi possível ter uma base para fazer uma análise

relacionando os espaços escolares, seus usuários, a educação e as políticas públicas.

RESULTADOS

A educação brasileira inicia-se com as escolas jesuíticas no período colonial e, posteriormente, as do império, estas seriam uma transição das escolas jesuítas para as escolas republicanas, conhecidas por sua monumentalidade (WOLFF, 2010).

As escolas republicanas têm um papel muito importante para o entendimento da arquitetura escolar atual, pois deixa, como herança, os espaços rígidos e trancados das escolas. Na República Velha, tinham-se prédios escolares monumentais (Figuras 1 e 2) que, de acordo com Kowaltowski (2011), são marcados pelos ideais positivistas do governo. Sua arquitetura é caracterizada pelo sóbrio neoclássico trazido da Europa, apresentando pés-direitos altos, imensas escadarias e planta simétrica, este último revelando os valores da época, uma vez que as alas femininas e masculinas ficavam separadas (Figura 1), chegando ao extremo de ter uma parede divisória entre as alas, com total separação, física e visual (Figura 2). Além disso, as salas de aula eram locais rígidos, em que a forma da sala tinha uma geometria de observação.

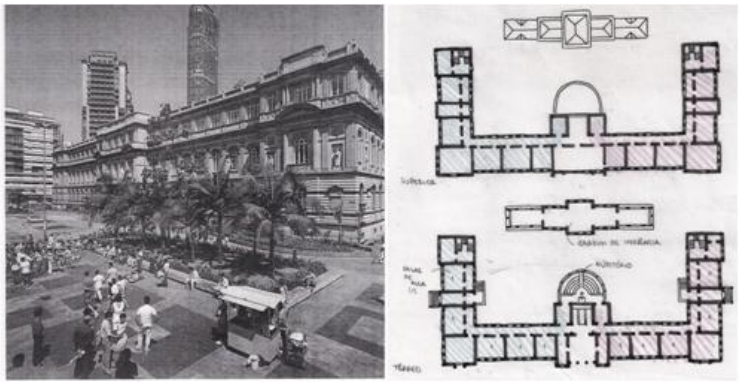


Figura 1. Escola Normal de São Paulo, 1890. Foto e croqui da planta.
Fonte: Côrrea, Mello e Neves (1991, p.21.); Yoshisato (2013, p.19) respectivamente.

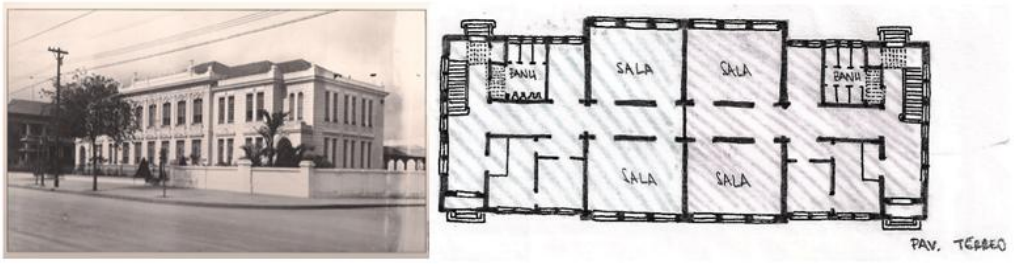


Figura 2. Grupo Escolar da Avenida Paulista, 1917.
Fonte: Côrrea, Mello e Neves (1991, p.21.); Yoshisato (2013, p.19) respectivamente.

Com a ascensão de Vargas ao poder, tem-se novas diretrizes para a educação, a partir do seu Projeto de Nação, centralizada e com base nas políticas trabalhistas (GHIRALDELLI, 1990).

Vargas era simpático aos ideais modernistas defendidos pela Semana de 22 e à arquitetura moderna, cujas premissas podem ser observadas no edifício do Ministério da Educação e Saúde (1936), encomendado pelo presidente. Assim, a renovação das diretrizes educacionais tem reflexo na arquitetura escolar, que adquire nova configuração (Figura 3). De acordo com Kowaltowski (2011), "o edifício, aos poucos, deixou de ser compacto, extinguiu-se a divisão entre os sexos, a implantação apresentava características mais flexíveis, como o uso de pilotis, deixando o térreo livre para as atividades recreativas". Essas escolas tinham, ainda, uma maior preocupação com o conforto e a infraestrutura, além da criação de um programa de necessidades, adotando uma arquitetura com maior liberdade de implantação.

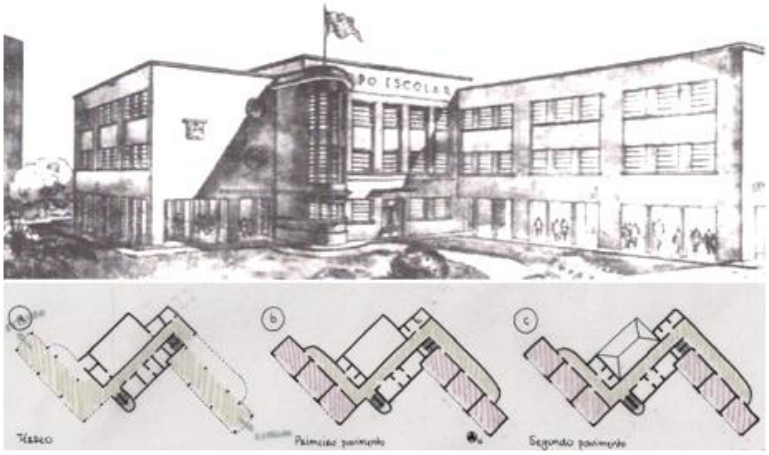


Figura 3. Grupo Escolar Visconde Congonhas do Campo, 1936.
Fonte: Kowaltowski (2011); Yoshisato (2013, p.21), respectivamente.

Neste período, destaca-se o modelo da Escola-Nova criado por Anísio Teixeira, a partir do Projeto da Escola-Parque. Ele tinha como base a proposta criada por Dewey (2010) que unia algumas questões da escola tradicional com a progressista, valorizando o estímulo e o interesse do aluno, através de suas experiências dos fatos do dia-a-dia. Teixeira (1971) queria, dessa forma, criticar a educação rígida e controladora da década de 1930, por isso seu projeto tinha o intuito de formar homens livres num ambiente de liberdade e de confiança mútua entre professores e alunos. Para isso, Diógenes Rebouças, autor do projeto, teve como conceito três ideias míticas: a Escola-Parque

como proposta de uma educação completa, os princípios modernos de arquitetura e a escola como ponto de convívio da comunidade. No seu interior, havia quatro escolas-classe (Figura 4), comportando mil alunos cada, sendo construídas no entorno de uma escola-parque para quatro mil alunos, onde o uso pelos estudantes se daria por um sistema alternado de turnos. As atividades complementares que seriam oferecidas da escola-parque eram: educação física, artística, social e industrial.

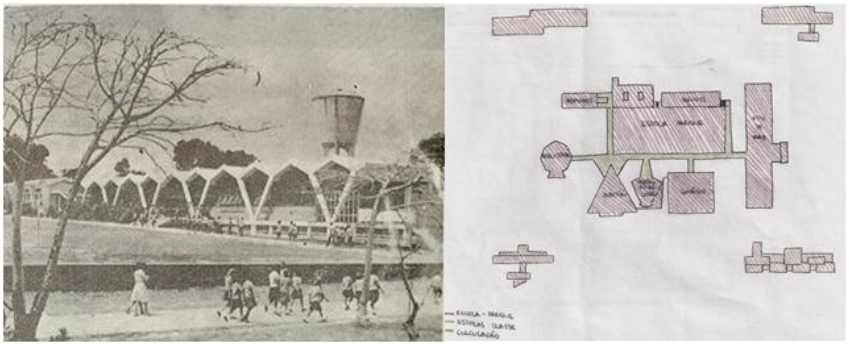


Figura 4. Escola-Parque em Salvador (1956). Foto e organização dos espaços por Anísio Teixeira.
Fonte: Rocha (2012); Yoshisato (2013, p.24) respectivamente.

Influenciado pelos ideais de Teixeira, Hélio Duarte cria o Convênio Escolar, um acordo entre o Estado de São Paulo e o Município de São Paulo, entre os anos de 1949 a 1954 (BASTOS, 2009). Duarte utilizou-se da arquitetura moderna para trazer pontos positivos no ensino através da qualidade do espaço, valorizando as necessidades das crianças, por meio da integração entre os espaços internos e externos. Outro ponto é que a escola se integraria com a natureza (Figura 5), adaptando o projeto a partir da topografia, da direção dos ventos e da insolação. Ela também deveria ser valorizada pela comunidade, a partir do núcleo comunitário e, por isso, deveria ter um uso intensivo.

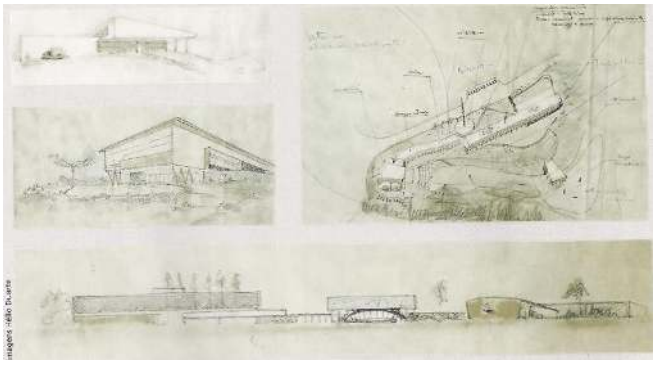


Figura 5. Convênio Escolar, 1949, em São Paulo.
Fonte: Bastos (2009).

Com a morte de Vargas e o inicio da Segunda Guerra Mundial, se instaura uma nova política no país, mais democrática e popular, conhecida como Populismo. Conforme Marcílio (2005), tem-se uma educação mais liberalista e a política desenvolvimentista do Presidente Juscelino Kubistchek fez com que houvesse pressa na construção de prédios escolares. Assim, durante os anos 1960, viu-se a necessidade de uma nova concepção (KOWALTOWSKI, 2011) que estivesse atrelada com os preceitos da arquitetura moderna e que atendesse às necessidades de tempo e recursos escassos. Para tanto, investiu-se em novas técnicas construtivas, como a estrutura em concreto independente, a alvenaria em blocos de concreto aparente, a laje pré-moldada e o uso de telhas de fibrocimento para a cobertura.

A Escola de Guarulhos (Figura 6) apresenta, em sua concepção arquitetônica, os ideais democráticos do período. Todo o ambiente escolar se distribui entorno do pátio (Figura 7) – que também pode funcionar como quadra -, que é o espaço do convívio, das trocas de experiências, dos eventos, enfim, relações humanas.



Figura 6. Escola de Guarulhos, 2005.
Fonte: Arquitetura Brutalista (2008).

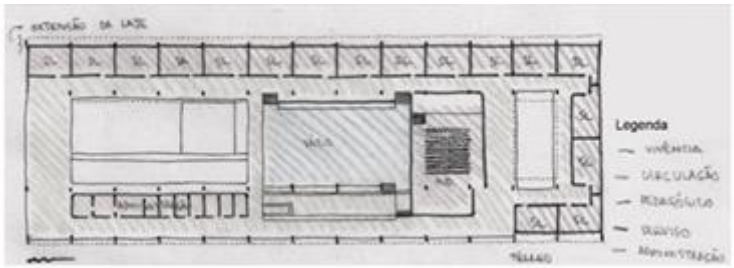


Figura 7. Planta baixa da Escola de Guarulhos, 2005.
Fonte: Yoshisato (2013, p. 26).

Quando foi instaurada a Ditadura Militar no país, tem-se uma grande mudança marcada por repressão na educação, na privatização e na exclusão escolar das classes populares. Com uma verba bem limitada para a construção de escolas, a solução foi dada pelos governos estaduais, por meio das redes escolares, a partir dos estudos de demandas,

quantidades e locais que seriam atendidos (KOWALTOWSKI, 2011). Por isso, criaram-se prédios escolares simplificados, ainda utilizando materiais pré-moldados e de rápida construção, bem como o uso de alvenaria aparente. Devido à obrigatoriedade em lei, nos índices de áreas para equipamentos públicos, a partir de 1979 (Lei 6766), as escolas eram construídas em sobras de loteamento, e ainda, seus programas tinham cada vez menos infraestrutura (LIMA, 1989), com um espaço escolar frio, rigoroso, padronizado, no qual se valorizava a disciplina. Os filhos das famílias ds elites estudavam nas escolas monumentais republicanas, enquanto a população menos favorecida estudava em escolas precárias na periferia da cidade (Figura 8).

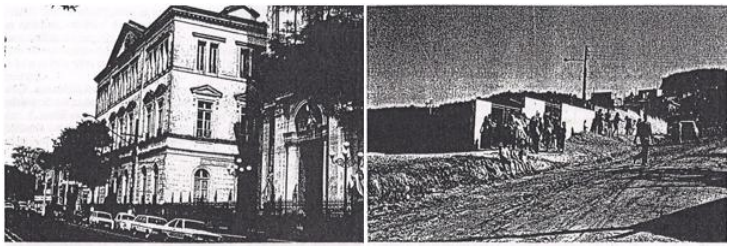


Figura 8. Escolas para as elites e para as pessoas de baixa renda, respectivamente.
Fonte: Lima (1989).

O movimento "Diretas Já" desencadeou o reinicio da democratização no país, com a Constituição de 1988, que prevê a educação como um dos direitos sociais do cidadão. Dessa forma, as novas leis criadas possibilitaram uma maior unificação do ensino no país, em que a União passa a ser responsável por formular documentos para uma educação-base, que é utilizada para a legislação dos estados e municípios, os quais ficam responsáveis por implantar o ensino básico. Para tanto, foi criado o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) que auxilia financeiramente e executivamente os projetos escolares.

Para o caso de São Paulo, tem-se a criação de diversos órgãos para auxiliar na administração das escolas, como a Fundação para Desenvolvimento da Educação (FDE), responsável pela manutenção de todos os edifícios públicos escolares e o Programa Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola) que dão diretrizes e recomendações técnicas para as construções e adequações das escolas. Devido a essa unificação e normatização dos ambientes escolares, Kowaltowski (2011) cita que os prédios possuem uma arquitetura padronizada (Figura 9), em que muda-se o tratamento das fachadas por serem projetos terceirizados, mas que tem predomínio do

edifício de três pavimentos em somente um bloco, algumas vezes inclusa a quadra ou não.



Figura 9. Praça de acesso e talude.
Fonte: Site do Escritório FGMF (2005).

Após 50 anos, os princípios de Duarte e Teixeira, da Escola-Parque, seriam retomados em um grande projeto da Prefeitura de São Paulo, no mandato da Marta Suplicy: os Centros Educacionais Unificados (CEU). Os CEUs tinham um projeto-padrão (MELENDEZ, 2003) que poderia ser adaptado e desenvolvido por outros escritórios de arquitetura, criado pelos arquitetos Alexandre Delijaicov, André Takiya e Wanderley Ariza. Esses centros educacionais, por estarem inseridos em regiões precárias em infraestrutura e serviços, têm como função ser um catalisador urbano, com o intuito de exercer uma marca positiva no bairro, favorecendo melhorias e criando um polo de desenvolvimento para a comunidade (BASTOS, 2009; ANELLI, 2004).

O equipamento assume funções de organização e articulação de projetos sociais e ações de interesse local e, por isso têm, como proposta, o oferecimento de um amplo programa educacional, com esportes e áreas artísticas, além de liberar seu espaço físico como praça ou clube de lazer durante os finais de semana para toda a comunidade (Figura 10).

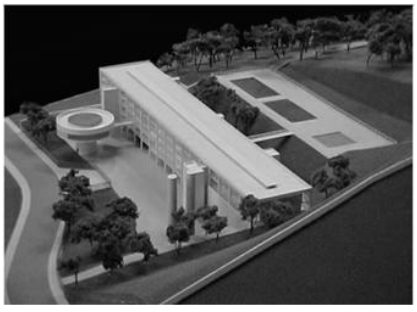


Figura 10. Centro Educacional Unificado – São Paulo.
Fonte: Silva (2010).

CONCLUSÃO

O presente trabalho apresentou, do ponto de vista histórico, a relação entre ideais políticos e educacionais e a arquitetura escolar. Conclui-se que o espaço escolar evoluiu desde o século XIX, porém, a atenção com a ludicidade do espaço voltado para a criança ainda não alcançou uma solução que incremente a qualidade do ensino nas escolas públicas do Brasil.

Soluções tais como a Escola-Parque, de período integral, são retomadas no projeto dos CEUs que, apesar das questões sociais positivas, seus projetos não apresentam a mesma qualidade arquitetônica dos edifícios do Convênio Escolar.

O ensino integral, que surge no Brasil com Anísio Teixeira, ainda tem muito a evoluir, e os novos programas dos entes públicos estão colocando-o como prioridade nas escolas, porém ainda deixam a desejar em relação ao espaço escolar. Na maioria dos casos, os espaços são adaptados de construções já existentes, pensando somente na funcionalidade do ambiente e não em como o usuário irá se apropriar. Dessa forma, ainda têm-se escolas tradicionalistas com seus espaços trancados e sem identificação com o seu principal usuário: a criança.

REFERÊNCIAS

ANELLI, R. L. S. Centros Educacionais Unificados: arquitetura e educação em São Paulo. **Vitruvius.** São Paulo, dez. 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.055/517>. Acesso em: 25 nov. 2012.

BASTOS, M. A. J. A escola-parque: ou o sonho de uma educação completa (em edifícios modernos). **AU.** São Paulo, v. 178, p. 42-45, jan. 2009.

CORRÊA, M. E. P.; MELLO, M. G.; NEVES, H. M. V. **Arquitetura escolar paulista 1890-1920.** São Paulo: FDE: Diretoria de Obras e Serviços, 1991.

DEWEY, J. **Experiência e educação.** Petrópolis: Vozes, 2010.

GHIRALDELLI JR, P. **História da educação.** São Paulo: Cortez, 1990.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. **Arquitetura Escolar:** o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LIMA, M. W. S. **A cidade e a criança.** São Paulo: Studio Nobel, 1989.

MARCÍLIO, M. L. **História da escola em São Paulo e no Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MELENDEZ, A. Escolas-parques são alternativas educacionais e referenciais urbanos. **Projeto Design,** São Paulo, v. 284, p. 62-68, out. 2003.

TEIXEIRA, A. S. **Pequena introdução à filosofia da educação:** a escola progressiva ou a transformação da escola. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

WOLFF, S. F. S. **Escolas para a República:** os primeiros passos da arquitetura das escolas

públicas paulistas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

Recebido para publicação em 19/08/2014
Revisado em 07/09/2014
Aceito em 15/09/2014